

1

Instalei-me nesta cidade para nela esperar o fim do mundo. As condições não podiam ser mais propícias. O apartamento fica numa rua silenciosa. Da varanda vê-se ao longe o rio. O rio também se vê do pequeno terraço da cozinha, que dá para jardins e varandas das traseiras da rua contígua, para miradouros com varandins de ferro nos quais há roupa estendida a ondular na brisa. Ao fundo da rua, para além do rio, está o horizonte de colinas da outra margem e o Cristo com os braços abertos como que prestes a levantar voo. Na Sibéria estão neste momento temperaturas de quarenta graus. Na Suécia o fogo alimentado por um calor inaudito arrasa os bosques que se estendem para lá do Círculo Polar Ártico. Na Califórnia incêndios que abrangem centenas de milhares de hectares estão a arder há vários meses e recebem nomes próprios, como os furacões das Caraíbas. Aqui os dias amanhecem frescos e serenos. Todas as manhãs há uma névoa húmida e muito branca que o sol atravessa pouco a pouco e que traz, rio acima, o cheiro profundo do mar. As andorinhas sulcam o céu e voam sobre os telhados como nas manhãs frescas dos Verões da infância. Assim que a Cecília chegar, não terei outro remédio senão pedir. Provavelmente, o fim do mundo já começou, mas parece ainda estar longe daqui. Durante todo o dia, desde o amanhecer até depois da meia-noite, os aviões atravessam o céu vindos do Sul, mesmo sobre o Cristo que abre os seus braços de betão tal como um super-herói prestes a levantar voo. Pelo rio sobem cruzeiros gigantes, como urbanizações turísticas verticais, réplicas flutuantes de Benidorm ou de Miami Beach. Nada melhor para dis-

trair a espera do que espreitar por uma varanda ou pelo varandim de um jardim e olhar para um grande rio de largura marítima e para os barcos que passam. Passam veleiros leves e petroleiros com cascos como falésias ferrugentas. De uma rua próxima vejo na margem do rio a grua de um cais de contentores. À luz dos holofotes nocturnos, a grua anda de um lado para o outro com movimentos de aranha-robô; uma aranha monstruosamente grande devido ao efeito da radiação atómica num filme futurista dos anos cinquenta. Do terraço da cozinha, onde dentro de pouco tempo eu e a Cecilia começaremos a plantar hortaliças em caixotes com terra fértil, sobre as varandas e os telhados, e a chaminé de tijolos de uma antiga fábrica, vejo o pilar mais alto da ponte, vermelho diluído contra o azul suave do céu. O rumor de fundo que se ouve sempre é o do trânsito na ponte; o do tráfego de carros e camiões e o dos comboios no tabuleiro inferior; e também a vibração dos pilares e das placas metálicas sob o peso e o tremor do trânsito, e o dos cabos como cordas de uma harpa estremeçadas pelo vento. Todas as manhãs, do pequeno parque onde levo a *Luria* a passear, vejo a ponte e todo o rio e as colinas da outra margem e os cais dos contentores e o Cristo. Se eu for ao seu lado, fareja entre as sebes, corre atrás dos pombos, esgaravata a terra na qual afundou o focinho. Se me sentar num banco e ficar a olhar para o rio e para os aviões que passam, a *Luria* senta-se ao meu lado a contemplar o mesmo espectáculo, com o focinho levantado, o olhar fixo, ao longe, num ponto que só muito vagamente os seus olhos míopes verão, numa perfeita atitude de espera. Se tirar um livro e começar a ler, parece que me substitui e intensifica o alerta.

2

É possível que me tenha adaptado depressa a esta nova vida porque tem um certo número de pontos em comum com a que deixámos para trás. Talvez as semelhanças nos tenham influenciado de maneira inconsciente quando escolhemos esta zona da cidade e esta casa. Todos os dias observo repetições e ecos de que não me tinha apercebido antes. A maior parte das operações mentais decisivas acontecem no cérebro sem que a consciência suspeite disso, diz a Cecília. O Cristo da outra margem era, no início, uma perturbação, um erro da paisagem: no primeiro dia no hotel de Lisboa, a Cecília abriu a janela e viu-o ao longe e, como estava um pouco atordoada pelo *jet lag*, disse-me que, durante um momento absurdo, tinha pensado que estava, por engano, no Rio de Janeiro, de onde tinha regressado umas semanas antes, de um dos seus congressos sobre o cérebro. Depois tinha de vir a Lisboa e eu consegui viajar com ela. A Cecília ia às suas sessões científicas e eu dava voltas pela cidade e esperava-a no hotel ou num café, aliviado por não estar em Nova Iorque e não estar a trabalhar. O hotel era silencioso e recatado, como se se tratasse de um hotel inglês familiar, não da realidade, mas de algum filme, com a alcatifa limpa e sem cheiro a mofo. Ao chegar, abrimos as cortinas do quarto e vimos de repente o rio e os cais. No terceiro andar, havia uma biblioteca forrada de madeira escura, cadeirões de couro velho, uma lareira, um telescópio de cobre dourado, uma grande janela, um terraço em frente ao rio. A ponte ficava ao fundo. As decorações luminosas acenderam-se logo no entardecer de Dezembro, numa névoa de chuva miudinha. Abrigados na cama como no interior de uma

toca, ouvíamos as badaladas das horas na torre de uma igreja. Mais tarde, satisfeitos, apaziguados, esfomeados, saímos à procura de um lugar para jantar, por ruas desabitadas nas quais havia pouquíssimas luzes acesas. A condensação da névoa tornava as pedras brancas dos passeios escorregadias. Não parecia provável que, naquele bairro afastado e àquela hora, conseguíssemos encontrar um restaurante. Ao subir uma escadaria, vimos ao fundo da rua uma esquina iluminada de onde vinha um burburinho sossegado de vozes, de talheres e de pratos. Era uma casa baixa cor-de-rosa, com uma buganvília a tapar metade da fachada e da janela, como uma casa de campo inesperada. Ao entrar na rua deserta, a animação dos comensais e dos empregados era ainda mais agradável. Tratava-se de um restaurante italiano. Havia muita gente, mas podiam arranjar-nos uma mesa. Os empregados, cordiais e rápidos, pareciam italianos, mas eram todos nepaleses. Ter encontrado esse restaurante e provar depois uma massa saborosa e um vinho tinto leve e barato, um tiramisu, uma grapa gelada, alimentava a nossa alegria íntima, a nossa gratidão perante o acaso, uma *trattoria* inesquecível em Lisboa gerida por nepaleses. Depois perdemo-nos a explorar lugares desconhecidos que agora fazem parte da minha vida diária, da nossa vida em comum prestes a começar, da nossa espera calma e resguardada do desmoronamento do mundo. «Um rio como o Hudson — disse a Cecília, um pouco ébria, contente, insegura sobre os seus saltos, naquelas subidas e descidas —, uma ponte como a George Washington.» Numa igreja próxima, um sino dava a hora. «O relógio de uma torre como a da Riverside Church», disse eu: e, nesse momento, nessa noite que nunca quero esquecer, em cada um dos seus pormenores secretos, nenhum dos dois imaginava ainda nada, embora seja possível que tenhamos passado por esta rua, por baixo desta varanda, onde agora me debruço.

3

Estávamos em Nova Iorque e agora estaremos em Lisboa. Estou aqui, por enquanto. Aproveito o tempo para preparar tudo para a chegada da Cecília. Num desses cargueiros gigantes que sobem pelo Tejo, veio um contentor com todas as nossas coisas, tantos anos, as nossas duas vidas, os livros de cada um e os livros em comum, os CD antigos que oferecíamos um ao outro no início da nossa relação, as fotografias que então ainda se imprimiam e emolduravam, a roupa de Invernos muito frios que ainda não percebemos que já não vamos usar, um casaco forrado da Cecília que lhe chegava até aos pés, com o seu capuz festoado de pêlo, o casaco de três quartos que me envolvia numa silhueta massiva de esquimó. Vou ter de perguntar ao Alexis, que sabe tudo, se há alguma instituição em Lisboa à qual se possa doar toda esta roupa. Ao ler as memórias antárticas do almirante Richard Byrd fiquei com alguma nostalgia daqueles Invernos. Guardava num armário o casaco comprido da Cecília e lembrava-me do seu rosto no frio, do gorro de pele sobre as sobranceiras, da ponta do nariz avermelhada, do brilho rosado nas maçãs do rosto. Foi esgotante, mas agora fico contente por ter acelerado a mudança sem esperar que ela regressasse. Foi uma proeza ter tanta pressa numa cidade em que parece que as coisas acontecem a um ritmo muito mais lento.

Também tive, tivemos, a sorte de que, no momento de crise máxima, aparecesse o Alexis a capitanear a sua equipa infalível de aju-